

RECURSOS DIGITAIS DO PORTAL DO PROFESSOR NO ENSINO DE HISTÓRIA

DIGITAL TOOLS FROM “TEACHER’S PORTAL FOR TEACHING HISTORY

Thatianne Ponce Quaresma¹
Rosária Helena Ruiz Nakashima²
Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa³

1. Graduada em História pela Universidade do Sagrado Coração.

2. Doutora em Didática, Teorias de Ensino e Práticas escolares. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Tocantins.

3. Doutora em História Cultural. Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Sagrado Coração.
Email: lucondef@bol.com.br

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

RESUMO

A presente pesquisa teve o objetivo de elaborar sugestões de atividades didáticas e explorar diferentes materiais da área de História, encontrados no Portal do Professor e na *web*, a fim de enriquecer a prática pedagógica dos professores de História da rede estadual. Para tanto, foi desenvolvido um trabalho de pesquisa através da aplicação de questionários junto aos professores de História da rede estadual de Bauru-SP, dentre outras estratégias investigativas que nos auxiliaram a conhecer o nível de fluência digital destes professores, seu grau de conhecimento e utilização dos recursos educacionais digitais disponíveis no Portal do Professor, além de compreender melhor a dinâmica que tem ocorrido entre práticas pedagógicas e uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). A análise das respostas obtidas através da aplicação dos questionários revelou

Recebido em: 03/03/2015
Aceito em: 04/05/2015

que a grande maioria dos professores de História acredita que as tecnologias digitais podem ajudar na realização das atividades docentes, embora poucos utilizem os laboratórios de informática em suas escolas. Além disso, boa parte dos educadores indicou ter um conhecimento e histórico de utilização do Portal do Professor, além de um nível médio de fluência digital.

Palavras-chave: Ensino de História. TIC. Fluência digital. Recursos digitais. Portal do Professor.

ABSTRACT

This research aims to elaborate suggestions of didactical activities and to explore different materials of History area, that can be found in “Portal do Professor” and in the web. The work has as objective to improve pedagogical practice of History teachers of public schools. Therefore, a research work was made through the application of questionnaires for History teachers of state public schools on the city of Bauru-SP, along with other investigatory strategies which helped us to get to know the level of digital fluency of this teachers, their level of familiarity and utilization of the digital educational resources available at the Portal do Professor, and also understand the dynamic that has been occurred between pedagogical practices and the use of the Information and Communication Technologies (ICT). The analysis of the answers collected through the application of the questionnaires has revealed that the majority of History teachers believes that the digital technologies are able to help them at the accomplishment of academician activities, although only a few make use of the computer labs on their schools. Furthermore, part of the teachers indicated the use and knowledge of the Portal do Professor, and also a medium level of digital fluency.

Keywords: History teaching. ICT. Digital fluency. Digital resources. Portal do Professor.

Introdução

Em dias atuais, vivemos em uma sociedade na qual as condições de geração de conhecimento foram substancialmente alteradas

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias da informação, e que poderá, também, ser denominada Sociedade da Informação e do Conhecimento (BARROS, 2009). Cada vez mais atingidos pela revolução tecnológica, mudamos não apenas nossos modos e técnicas, mas nossa maneira de pensar e nos relacionarmos. Tais alterações refletem diretamente nas instituições educacionais, cada vez mais pressionadas a adaptarem-se à nova realidade. E boa parte dessa pressão acaba, inevitavelmente, concentrada em nossos educadores.

Neste contexto, o objetivo dessa pesquisa foi conhecer o nível de fluência digital dos professores do ensino fundamental (ciclo II) e médio da rede estadual de Bauru, tendo em vista identificar as formas de integração das TIC (Tecnologia da Informação e da Comunicação) nas práticas pedagógicas; o grau de conhecimento e utilização dos recursos educacionais digitais disponíveis no Portal do Professor; e elaborar uma proposta com sugestões de atividades didáticas, explorando os diferentes materiais da área de História, encontrados no Portal do Professor, levando em consideração os princípios e os conceitos da Proposta Curricular da rede de ensino estadual.

Para um melhor entendimento da relação dos professores de História e o uso pedagógico de tecnologias, os procedimentos técnicos aqui adotados foram a pesquisa de campo, com a aplicação de um questionário, contendo 33 perguntas fechadas, dicotômicas e de múltipla escolha, em especialistas da área de educação e tecnologias, realizado em 24 escolas estaduais de Bauru.

A seção seguinte apresenta a revisão de literatura feita com o objetivo de apresentar parte do atual estado do conhecimento nas áreas aqui abordadas, de modo a contribuir com a delimitação de nosso tema de estudo, escolha de teorias, procedimentos e instrumentos.

1. Surge um novo professor e novas demandas educacionais

Para cada tempo e realidade que surgem, mudam as tecnologias, e, ao mesmo tempo, muda a nossa visão sobre o mundo, mudam as respostas. Como lembram Moran; Masetto; Behrens (2000), o aprendizado deve ser impulsionado pela busca de soluções possíveis para aquele momento histórico, com a visão de que não são respostas únicas, absolutas e inquestionáveis. Freire (1996) completa essa visão enfatizando que ensinar exige consciência do inacabamento do ser humano, pois sua inconclusão é parte integrante da experiência

vital. Consciente de seu inacabamento, o professor deixa de ser a autoridade maior dentro da sala de aula e assume novos papéis. Na literatura sobre este tema há uma profusão de termos para definir essa nova postura: mediador, tutor, orientador, monitor, facilitador, isto é, o professor é aquele responsável por nortear, encaminhar o início de uma discussão que se torna bilateral, ou seja, o aprendizado deve ser feito através do diálogo em que o aluno tem voz ativa. Kenski (2008) ressalta que a prática pedagógica realiza-se na ação precisa que lhe dá sentido, por meio do diálogo, troca e a convergência comunicativa, parceria e as múltiplas interações entre professores e alunos.

O estabelecimento de interações com o aluno é de vital importância para sua formação humana, intelectual e afetiva. Para que isso ocorra, é necessário um posicionamento humilde, porém seguro, é preciso um professor confiante. Se o educador adota o caminho de detentor das respostas, certamente não conseguirá a confiança de seus alunos, sem a qual não se pode estabelecer um diálogo que respeita os saberes dos educandos (FREIRE, 1996).

Jacques Delors (1998), coordenador do “Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI”, destacou quatro aprendizagens fundamentais a serem trabalhadas na educação: aprender a conhecer, fazer, ser e viver juntos. Gadotti (2000) fez uma compilação interessante sobre o significado de cada um dos quatro pilares da educação. O primeiro denomina-se aprender a conhecer e está relacionado à curiosidade, autonomia, atenção, ao prazer de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento. Aprender a conhecer é aprender mais linguagens e metodologias, em vez de conteúdos, pois estes envelhecem rapidamente. É preciso aprender a pensar o novo, reinventar o pensar, pensar e reinventar o futuro. Afinal, aprender a aprender é também e, paradoxalmente, aprender a desaprender, isto é, aprender a viver num mundo que inventamos ao viver e que não fornece um fechamento preestabelecido (CRUZ, 2008).

O segundo pilar é aprender a fazer. Para Gadotti (2000), a substituição de certas atividades humanas por máquinas, acentuou o caráter cognitivo do fazer, ou seja, o fazer deixou de ser puramente instrumental. Atualmente, além da qualificação profissional, valoriza-se muito a competência pessoal, pois esta torna a pessoa apta a enfrentar novas situações profissionais, a trabalhar em equipe e a ser mais flexível. O importante na formação dos profissionais da educação é saber trabalhar coletivamente, ter iniciativa, ter intuição, saber comunicar-se, resolver conflitos e ter estabilidade emocional.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Aprender a viver junto constitui o terceiro pilar da educação, incluindo a compreensão do outro, a administração dos conflitos, o valor da cooperação e a percepção da interdependência humana.

O último se refere ao aprender a ser. Este envolve o desenvolvimento integral da pessoa, isto é, a inteligência, a sensibilidade, o sentido ético e estético, a responsabilidade pessoal e social, a espiritualidade, o pensamento autônomo e crítico, a imaginação, a criatividade e a iniciativa. Para isso, não se deve negligenciar nenhuma das potencialidades do indivíduo. Essa diversidade contemporânea, complexa e desafiadora reflete na ação didático-metodológica do professor. Para que se possa construir uma prática pedagógica emancipadora, é preciso organizar a prática docente numa colaboração coletiva e interdependente, onde a participação de todos seja indispensável na busca pelo conhecimento (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000; Moreira e Kramer, 2007).

Assim, vivemos numa sociedade dinâmica para a qual a criatividade e agilidade são qualidades cada vez mais desejadas. O mercado de trabalho deverá cada vez mais buscar pessoas criativas, que saibam projetar, analisar e produzir conhecimento (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2000).

É muito importante que a escola busque formar este profissional do futuro, que tenha em seu currículo as competências necessárias para que os jovens possam integrar-se ao mercado de trabalho. Porém, uma escola preocupada em formar futuros trabalhadores não deve se esquecer de focar, em primeiro lugar, o desenvolvimento integral do aluno, em toda a sua complexidade e necessidades diversas. Em outras palavras, é importante o foco da formação para o mercado de trabalho, mas o aluno também deve estar preparado para a participação cidadã, a continuidade dos estudos, o desenvolvimento do potencial humano, enfim, deve estar preparado para a vida cotidiana e os desafios que nela encontrará, conforme prescreve a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, que na redação de seu artigo 2º (BRASIL, 1996).

Desta maneira, se o objetivo da instituição escolar é promover o acesso de todos ao conhecimento, a grande questão é: o que ensinar? Que conteúdos serão válidos para uma base tão heterogênea de alunos, cada vez mais presente conforme se materializa o direito de todos à educação? (FONSECA 2003). Tal discussão está sempre presente entre os professores de História e, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) constituem-se importantes documentos para a análise dos conteúdos atualmente transmitidos nas aulas de Histó-

ria de todo o país. Porém, considerando que a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (PCSP) traz em sua base formativa os já citados quatro pilares da educação, auxiliando o aluno em seu desenvolvimento pessoal, é preciso lembrar Fonseca quando diz que “o documento curricular formal é apenas um dos níveis em que se opera a seleção cultural. [...] O chamado currículo real é construído tendo por base uma série de processos e significados que envolvem a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana” (FONSECA, 2003, p.33). Visão corroborada pela PCSP ao afirmar que:

Precisamos entender que as atividades extraclasse não são “extracurriculares” quando se deseja articular a cultura e o conhecimento. Neste sentido, todas as atividades da escola são curriculares, ou não serão justificáveis no contexto escolar. Se não rompermos essa dissociação entre cultura e conhecimento não conseguiremos conectar o currículo à vida. (SÃO PAULO, 2008, p.13).

Isso porque, como lembra Gadotti (2000, p. 6), “a escola está desafiada a mudar a lógica da construção do conhecimento, pois a aprendizagem agora ocupa vida”. Mudar a lógica da construção do conhecimento é compreender que essa construção dá-se o tempo todo, facilitada pela ascensão da Sociedade em Rede descrita por Castells (1999), que nos possibilita a comunicação permanente, rompendo barreiras geográficas.

A chamada globalização fez mais do que derrubar barreiras comerciais e econômicas e trouxe o fim de uma organização verticalizada onde era possível localizar facilmente um líder no topo do organograma; hoje a produção do conhecimento parece seguir o que pode se denominar como organização horizontal em rede (PRETTO; PINTO, 2006). Garcia (*apud* Belloni, 1998) destaca que será fundamental estabelecer uma relação mais horizontal, menos verticalizada e autoritária entre professores e alunos, entendidos como parceiros no processo educativo. Essa diminuição da hierarquia está diretamente ligada à ascensão do uso das TIC em nosso cotidiano.

No espaço comunicativo permitido pelas tecnologias digitais, o processo de construção do conhecimento tende a ser sempre coletivo, num processo de colaboração mútua e (muitas vezes) assíncrona que Lévy (1999) veio a denominar de “inteligência coletiva”. A internet não tem dono. É preciso lembrar que não existe uma empresa no comando da internet, sua administração é feita pelas instituições que cooperam entre si, assim, a internet não é uma rede, mas um conjunto de redes conectadas (MÁTAR NETO, 2002). Assim, todos os atores nela conectados tendem a ter a mesma importância,

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

oportunidade de acesso às informações e produção de conteúdo que será disponibilizado.

Para que sejam aproveitadas todas as vantagens do progresso tecnológico, é preciso que a sociedade da informação busque suas bases nos princípios da igualdade de oportunidades, participação e integração de todos, o que só é possível no momento em que todos tiverem acesso a uma quota mínima dos benefícios oferecidos por essa “nova” sociedade (ASSMANN, 2000). Segundo Gadotti (2000), o acesso à informação não é apenas um direito, é um direito fundamental e primário, o primeiro de todos os direitos, pois sem ele não se tem acesso aos outros direitos.

Porém, esse direito passa por uma questão fundamental: a acessibilidade. Castells (1999) lembra que há grandes áreas do mundo e consideráveis segmentos da população que estão desconectados do novo sistema tecnológico, portanto a velocidade de difusão tecnológica é seletiva tanto social quanto funcionalmente.

Segundo o documento de Análise dos Resultados da pesquisa TIC domicílios 2009, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), apenas 49% da população brasileira já acessou a internet pelo menos uma vez. Assim, os chamados centros de acesso, tanto pagos como gratuitos tem desempenhado um papel fundamental na democratização do acesso à internet no Brasil, conforme declaração de Alexandre Barbosa, condutor da pesquisa TIC domicílios. Neste mesmo estudo, nota-se, pela primeira vez, um enorme crescimento daqueles que declararam acessar a internet a partir de suas residências (48% das menções), ultrapassando pela primeira vez o acesso a partir das chamadas *lanhouses* (45% dos entrevistados).

Se analisarmos os números referentes à aquisição de computadores e acesso a internet no Brasil, veremos um elevado crescimento ano a ano numa rapidez muito elevada. Segundo o Livro Verde da Sociedade da Informação no Brasil, nos Estados Unidos, o rádio levou 38 anos para atingir 50 milhões de usuários, o computador pessoal 16 anos, a televisão 13 e a internet apenas 4 anos (TAKAHASHI, 2000).

Estudos mais aprofundados do fenômeno da “infoexclusão” podem ajudar a compreender melhor este cenário, principalmente no Brasil. Navarro cita um estudo canadense bastante inovador, em que, em adição à tradicional divisão entre usuários e não-usuários da rede, foi feita uma segunda divisão que visava elucidar os motivos que levavam a esta exclusão, listados desde a falta de acesso a equipamentos até a falta de hábito, incentivo, barreiras morais ou geográficas (NAVARRO *apud* BESSA, NERY, TERCI, 2003).

Embora o “desnível de acesso” tenda a diminuir cada vez mais, o mesmo não pode ser dito do “desnível de fluência”, ou seja, embora a constante queda nos preços de eletrônicos seja um dos fatores mais preponderantes no crescimento do acesso a computadores, o acesso por si só não é verdadeiramente significativo se falta aprender a utilizar os recursos digitais e explorar plenamente suas possibilidades, conforme veremos mais adiante (RESNICK, 2007).

Neste sentido, é fundamental que a escola, mais do que incentivar o uso das ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem, possa formar este aluno curioso, criativo e explorador para utilizar as tecnologias de modo benéfico ao seu desenvolvimento pessoal e escolar. Para isso, necessitamos de professores preparados não apenas para incentivar este uso criativo, como também guiar seus alunos na experimentação de novas ferramentas que possam auxiliar na construção de projetos significantes dentro do âmbito educacional (RESNICK, 2007).

É preciso ter em mente que a mutação contemporânea de nossa relação com o saber está amplamente apoiada nas tecnologias digitais, diretamente ligadas à possibilidade de ampliação de nossas capacidades intelectuais (especialmente a memória), alterando numerosas funções cognitivas humanas (LÉVY, 1999). Porém, essa interação entre homem e tecnologia digital não é tão recente quanto pensamos. Na sequência, abordaremos o perfil dos imigrantes e nativos digitais e seu reflexo no contexto escolar.

2. Imigrantes e nativos digitais

As tecnologias surgiram pouco tempo depois do aparecimento dos primeiros homens que precederam o homem moderno como o conhecemos. Para Kenski (2007), as tecnologias são tão antigas quanto a espécie humana, mas foi a engenhosidade humana que deu origem às mais diferenciadas tecnologias. Podemos dizer que a tecnologia permitiu o desenvolvimento humano, pois através dela é que pudemos nos defender e nos proteger, garantindo assim a permanência de nossa espécie. Assim, a primeira tecnologia a interagir diretamente com o pensamento foi a escrita. A escrita, segundo Kenski (2007), interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Torna-se ferramenta para a ampliação da memória e para a comunicação que possibilita ao homem a exposição de suas ideias, deixando-o livre para ampliar sua capacidade de reflexão e apreensão da realidade.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

A partir da invenção da imprensa por Gutenberg em 1455 (BELMIRO, 2006), vieram as revoluções científicas, religiosas, industriais e políticas (LÉVY, 2002) modificando o modo como escrevemos e interpretamos as ideias contidas num texto. A grande revolução trazida a partir da evolução da internet ao redor do mundo foi o compartilhamento dessas ideias, não mais apenas na forma de texto, mas através de imagens, vídeos, sons e todas as suas derivações como gráficos, animações, ambientes 3D, numa grande fusão dos meios de comunicação conhecida como hipermídia ou multimídia.

Barros e Brighenti (2004, p.133) vêm questionar: “como não integrar as tecnologias e não ressignificar os paradigmas do processo ensino e aprendizagem se a própria condição humana está sendo influenciada na sua amplitude pelas tecnologias e suas possibilidades?”. Neste mesmo sentido lembrar Hugo Assman que:

[...] as técnicas criadas pelos homens sempre passaram a ser parte das suas visões de mundo. Isto não é novo. O que há de novo e inédito com as tecnologias da informação e da comunicação é a parceria cognitiva que elas estão começando a exercer na relação que o aprendente estabelece com elas. Termos como “usuário” já não expressam bem essa relação cooperativa entre ser humano e as máquinas inteligentes. O papel delas já não se limita à simples configuração e formatação, ou, se quiserem, ao enquadramento de conjuntos complexos de informação. Elas participam ativamente do passo da informação para o conhecimento. (ASSMANN, 2000, p.10).

A internet, além de permitir o acesso aos inúmeros recursos multimídia, permite a busca de informação em seus mares de conteúdo, e pode possibilitar certo prolongamento da relação professor-aluno quando estes mantêm seus sites pessoais, *blogs*, perfis em mídias sociais como *Facebook*⁴ e *Twitter*⁵, gerando e compartilhando diversos tipos de conteúdos. É justamente essa possibilidade tão variada de conteúdos, ferramentas e abordagens que traz certa confusão para os educadores. A internet muda sem parar, afetando todo o mundo “*off-line*” ao seu redor.

Embora relacionados numa linha horizontal, quando falamos de possibilidades de criação de conteúdo, professores e alunos enfrentam algumas diferenças na utilização destes recursos. Enquanto os professores, vindos da geração caracterizada como imigrantes di-

4 Rede social que permite aos seus usuários criarem um perfil com informações pessoais diversas, interagindo entre si através da participação em comunidades.

5 Rede social criada a partir da concepção de microblog, permitindo que seus usuários publiquem em seus perfis mensagens de até 140 caracteres.

gitais, necessitam de preparo e contam com várias dificuldades para a utilização das tecnologias digitais, a maioria dos alunos demonstra incrível facilidade e habilidade no uso das mesmas. De certa forma, todos que nasceram antes da década de 1990 são imigrantes digitais, pois não cresceram imersos em tecnologias, enquanto a maioria dos nativos digitais (PRENSKY, 2006) gosta dos dispositivos eletrônicos e tem muita facilidade para interagir com tecnologias.

Os imigrantes digitais precisam de apoio contínuo no desenvolvimento de habilidades e competências que facilitem o uso das ferramentas digitais, pois, conforme Belloni (1998, p. 143-162) “sem uma formação adequada não se pode esperar que o professor resolva sozinho um problema cuja complexidade o ultrapassa”.

Porém, observamos constantemente professores que deixam que as dificuldades naturais de um imigrante digital transformem-se em um “medo” quase irracional, uma atitude extremamente negativa diante das tecnologias digitais.

Surgem, então, duas visões opostas, a dos tecnófobos, que acreditam que a máquina substituirá o homem, ou provocará o distanciamento, a perda das relações afetivas, enquanto os tecnófilos veem nas novas tecnologias a solução de todos os problemas, inclusive na educação (CORRÊA, 2006).

Recomenda-se que ambos os extremos devam ser evitados. A tecnofobia pode, pouco a pouco isolar o professor em seu reduto anti-tecnológico, separando-o de ricas produções e experiências colaborativas e muitas vezes, distanciando-o do aluno com quem buscamos dialogar. Também a crença de que as tecnologias digitais são um bem em si mesmas pode deixar de lado o que deveria ser o foco: boas práticas pedagógicas, análise, planejamento e diálogo. Como lembra Corrêa (2006), as tecnologias não são, por si mesmas, educativas, pois dependem de uma proposta educativa que as utilize enquanto mediação para uma determinada prática educativa.

Educar na sociedade da informação transcende a simples capacitação para a utilização das TIC: É preciso investir na criação de competências suficientemente amplas que permitam tomar decisões fundamentadas no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas e aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas (TAKAHASHI, 2000). Deste modo, entendemos que:

[...] não basta o professor aprender a operar o computador, saber ligar e colocar um software para o aluno usar. O professor precisa vivenciar e compreender as implicações educacionais envolvidas nas diferentes formas de

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

utilizar o computador, a fim de poder propiciar um ambiente de aprendizagem interativo para o aluno, bem como utilizar esse instrumento como um verdadeiro recurso didático, como suporte para o trabalho docente. A formação de professores com base na reflexão sobre a prática torna-se mais importante do que a aquisição de sofisticados equipamentos. Sua preparação nesse cenário permite o entendimento de que o domínio da tecnologia e o significado de sua utilização provocam modificações desejadas na prática pedagógica e na cultura da escola (GUIMARÃES, 2007, p.58).

Como lembra Paulo Blikstein, professor da Universidade Stanford (EUA), em entrevista à Folha de São Paulo, as ferramentas digitais não devem ser entendidas como substitutas mais atraentes das ferramentas tradicionais; seu uso deve ser refletido pelo educador de modo a utilizar corretamente o potencial da ferramenta escolhida, sempre adequando-a aos projetos pedagógicos com objetivos bem definidos (BLIKSTEIN, 2011).

Portanto, para conseguir guiar-se pelos mares da informação e obter das TIC e da internet o maior proveito possível, cada vez mais é necessário que o educador mergulhe na chamada vivência digital. Essa vivência não é tão fácil, nem tão simples para grande parte dos imigrantes digitais que precisam dar um passo por vez, superar as dificuldades pouco a pouco, lutando contra as pequenas dificuldades que surgem ao longo do percurso. A maioria dos professores atuando em salas de aula hoje é composta por imigrantes digitais, nascido antes dos anos 1980 (como veremos mais adiante, nossa pesquisa demonstrou que mais de 90% dos professores participantes lecionavam há mais de dez anos). Para auxiliá-los na busca pela vivência digital, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) criou os Padrões de Competência em TIC para Professores que visam, dentre outros objetivos, oferecer um conjunto básico de qualificações, que permita aos professores integrarem as TIC ao ensino e à aprendizagem, bem como melhorar a prática dos professores em todas as áreas de trabalho, combinando habilidades em TIC com inovações em pedagogia, currículo e organização escolar (UNESCO, 2008).

3. A relevância da fluência e vivência digital do professor

A fluência digital torna-se fundamental para a obtenção de bons resultados nas práticas educativas, dentro e fora da sala de aula,

utilizando dispositivos eletrônicos. Mas o que vem a ser fluência digital exatamente? Papert e Resnick lembram que:

Para ser fluente em uma língua, você precisa saber articular uma ideia complexa ou contar uma estória, em outras palavras, você precisa saber “fazer coisas” com essa língua. Fazendo a analogia, ser digitalmente fluente envolve não apenas saber como usar ferramentas tecnológicas, mas também saber como construir coisas significativas com essas ferramentas (PAPERT; RESNICK, 1995 *apud* VOELCKER; FAGUNDES; SEIDEL, 2008).

Assim, a fluência digital ultrapassa o conhecimento ou habilidade de manipulação de uma ferramenta específica, sendo necessária, para sua obtenção, a capacidade de compreensão e manipulação dos recursos, de modo que estes possam exercer seu papel de *ferramenta*, ou seja, a fluência plena permite que o foco permaneça no processo educativo, na pedagogia e didática corretas, que deverão ser exercidas através das tecnologias digitais. Algumas tendências de fluência digital foram divididas em níveis, como mostra o Quadro 1:

Nível de Fluência	Habilidades
Básico	Escrever documentos; navegar na internet; usar software educativo; usar recursos da internet para preparar aulas e pesquisar; usar correio eletrônico.
Médio	Criar apresentações; usar várias ferramentas de produtividade juntas para produzir trabalhos; usar ferramentas estatísticas para a análise ou processamento de dados; “bater papo” (chat); instalar programas.
Alto	Criar páginas de <i>web</i> simples; participar de grupos de discussão; participar em projetos colaborativos <i>on-line</i> ; criar materiais multimídia em software e na <i>web</i> .

Quadro 1 - Níveis de fluência digital (adaptado). Fonte: BASTOS, 2010.

Os Padrões de Competência em TIC para Professores, elaborados pela UNESCO, trazem três abordagens complementares para a política de ensino, constituindo três fases de aprendizagem que podem ser relacionadas a estes três níveis de fluência digital, sendo:

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Abordagem	Habilidades
Alfabetização Tecnológica	Objetiva aumentar o entendimento tecnológico dos estudantes, cidadãos e da força de trabalho, incorporando as habilidades tecnológicas ao currículo.
Aprofundar o Conhecimento	Pretende aprimorar as capacidades dos diferentes atores a fim de que eles possam fazer uso do conhecimento para agregar valores à sociedade e à economia, utilizando-o na resolução de problemas complexos do mundo real.
Criação do Conhecimento	Busca aumentar as habilidades de estudantes, cidadãos e da força de trabalho para que possam inovar, produzir novos conhecimentos e se beneficiar deles.

Quadro 2 – Abordagens complementares para a política de ensino. Fonte: UNESCO, 2008.

Assim, ter acesso às tecnologias digitais, se fazer presente na internet, ser curioso e buscar sempre por novos rumos torna-se necessário. A *web* coloca quantidades inimagináveis de informação ao nosso alcance, de modo que, o grande desafio é saber buscar informações relevantes aos projetos em construção. A aparente facilidade em aprender torna-se, na verdade, um desafio muito maior, no qual a escola terá um papel preponderante através de seus professores, na produção do conhecimento (CRUZ, 2008). Segundo Lévy (1999), o melhor guia para a *web* é a própria *web*, ainda que seja preciso ter a paciência de explorá-la, arriscar-se a ficar perdido, aceitar a “perda de tempo” para familiarizar-se com esta terra estranha. O aprendizado que nunca termina passa também pelas ferramentas digitais. Desta maneira, o professor estará apto a guiar o estudante no caminho entre informação e conhecimento, atuando como mediador, ajudando o aluno a compreender, filtrar e transformar as informações que recebe. Também o uso destas tecnologias em sala deve ser incorporado de forma a privilegiar o uso da pedagogia mais adequada, unir tecnologia e pedagogia (KENSKI, 2007) em prol do objetivo que se pretende atingir dentro da sala de aula. Estes objetivos devem ser traçados de acordo com o perfil dos alunos, e assim também influenciarão na escolha das ferramentas tecnológicas mais adequadas.

Este mergulho, esta vivência digital precisa ser buscada. Precisamos de educadores preparados para lidar com esta nova realidade. Para isso, é preciso, primeiramente, conhecer a realidade de cada comunidade com relação à inclusão digital e nível de aprofundamento no uso das TIC.

Neil Selwyn (2008), em seu estudo sobre as diversas políticas públicas adotadas no Reino Unido para inserção das novas tecnologias na educação, conclui que a utilização destas ferramentas não pode ser imposta de cima para baixo. Assim como “[...] os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou currículos válidos para todos” (LÉVY, 1999, p.158) também não podemos mais pensar num único modelo de políticas públicas que ignore as especificidades regionais de cada comunidade. Não existe um modelo de aplicação universal das práticas pertinentes à integração curricular das TIC, cada realidade impõe uma reflexão particular, e a busca criativa de soluções (ESCONTRELA MAO; STOJANOVIC, 2006, tradução nossa).

De acordo com Almeida; Fonseca Jr. (2000), aprender fazendo, agindo, experimentando é o modo mais natural, intuitivo e fácil, além do fato de que a informática transforma a informação estática em algo completo e dinâmico, devido sua capacidade de exibir cores, formas, movimentos e sons, desenvolvendo ambientes de interação e aprendizagem. As ferramentas digitais tornam-se então, recursos potencializadores para auxiliar os educadores no estímulo a autonomia e o protagonismo do estudante no processo de ensino e aprendizagem em laboratórios de informática.

Mas, sabendo da importância do uso das ferramentas digitais, e sabendo que, ainda mais importante é sua escolha e adequação de acordo com o objetivo a ser alcançado, como é possível a escolha de determinada ferramenta, dentre tantas opções?

Blikstein (2011) propõe que, em primeiro lugar, sejam pensados projetos verdadeiramente relevantes para os alunos, que envolvam sua comunidade e realidade, ao mesmo tempo em que trabalham a construção de um conhecimento mais amplo; sendo que, a partir de então, deve-se escolher as ferramentas que mais poderão se adequar ao trabalho, trazendo não apenas maior facilidade, mas também aumentando a qualidade e abrindo novas possibilidades de apreensão e análise da realidade estudada. Baseando-se nessas considerações, na sequência serão apresentadas as contribuições do Portal do Professor para o ensino de História.

4. O Portal do Professor e o ensino de História

A cada dia, diversas ferramentas surgem na internet, recursos que podem servir de apoio a uma variedade de ações pedagógicas.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Com uma simples busca podemos encontrar para o ensino de um mesmo assunto uma variedade de portais, *blogs*, vídeos, imagens com o potencial de ajudar o professor no desenvolvimento de sua aula, bem como comunidades virtuais discutindo a prática docente e cursos na modalidade a distância, sobre os mais variados temas. É necessário que o educador tenha fluência digital para acessar vários *sites*, a fim de reunir um conjunto interessante de informações que depois serão filtradas e organizadas por ele.

Dentre os esforços feitos para prover incentivo e apoio aos professores na utilização das TIC, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) tem se destacado de maneira particular. Trata-se do Portal do Professor <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>>, lançado em 2008, em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, que tem como objetivos:

Apoiar os cursos de capacitação do ProInfo Integrado⁶

Oferecer a esses professores um ambiente para que, após a conclusão do curso, sintam-se incluídos em uma comunidade de pessoas que utilizam TIC na educação.

Disseminar experiências educacionais das e nas diferentes regiões do Brasil. Oferecer recursos multimídia em diferentes formatos, assim como materiais de estudo, dicas pedagógicas, links para outros portais, ferramentas de autoria, dentre outros.

Favorecer a interação com o objetivo para reflexão crítica e trocas de experiências entre professores de diferentes locais, formação e interesses.

Oferecer um jornal eletrônico para atender a divulgação de eventos, ideias de nossos educadores, bem como uma revista eletrônica que permita a nossos professores exercer, de forma crítica, a divulgação de suas ideias e experiência (BIELSCHOWSKY; PRATA, 2010, p.4-5).

Através do cadastro feito no Portal, o professor pode produzir e compartilhar sugestões de aulas, acessar informações diversas sobre a prática educacional, baixar gratuitamente coleção de recursos multimídia tais como vídeos, animações, simulações, áudios, dentre outros, informar-se sobre cursos de capacitação e acessar materiais de estudos, interagir e colaborar com outros professores, dentre outras possibilidades.

A todo o momento é oferecido suporte ao professor por meio de guias explicativos que elucidam como utilizar de modo efetivo os

6. Programa Nacional de Tecnologia Educacional do MEC, tem como principais objetivos a implantação de laboratórios de informática conectados em banda larga nas escolas públicas, a capacitação de professores para uso das TIC, além da oferta de conteúdos educacionais e de ferramentas de interação e comunicação aos professores e alunos.

recursos disponíveis, tirando dúvidas tanto de ordem técnica (como fazer *download* de arquivos, que programas precisam estar instalados no computador) quanto pedagógica. Assim, o Portal constitui uma importante ferramenta para o planejamento das aulas, e formação continuada do professor, além de ponto de encontro virtual da comunidade docente que pode ajudar-se mutuamente através da troca de experiências e ideias.

Além de todos os recursos, interface agradável e possibilidades de uso, o Portal possui uma vantagem muito importante: trata-se de uma ferramenta desenvolvida e disponibilizada pelo próprio MEC, o que permite a centralização do compartilhamento feito entre professores, fator que certamente influencia na evolução de sua utilização e utilidade.

Dentro da gama de conhecimentos a serem desenvolvidos pelos alunos durante a vida, o ensino de História continua a ser fundamental para que os alunos desenvolvam seu senso crítico e percebam-se como parte de um amplo meio social (SÃO PAULO, 2008). Há muito a História deixou de ser a simples narrativa de segmentos de atos heroicos e passou a preocupar-se com o popular, o comum, as múltiplas histórias. Porém, muitos alunos ainda têm dificuldade em compreender a “utilidade” da História, e acreditam que esta constitui-se em um amontoado de eventos do passado que não tem a menor conexão com nossa História presente, feita a todo o momento. Antes da apresentação de conteúdos, é de vital importância construir alguns conceitos, problematizar, instigar, é preciso despertar a curiosidade dos alunos para o aprendizado da História. Num mundo onde as tecnologias digitais promovem mudança constante, e o modo como tais mudanças podem estar presentes nas pesquisas históricas, como um importante fator a ser estudado, lembram Murguia e Ribeiro (2001):

Falar acerca das novas tecnologias e das mudanças que elas acarretam torna-se tarefa difícil devido às rápidas mudanças que elas provocam ao meio social e no interior delas mesmas. Nos últimos quinze anos, temos assistido, quase sem perceber, rápidas variações nas novas tecnologias, tanto no que se refere à sua potencialidade, quanto no que diz respeito às relações homem-máquina (suas interfaces). Alguns anos atrás teria sido inimaginável a popularização do uso desses meios. Da mesma forma, hoje é praticamente impossível prever o que acontecerá. Acreditar na historicidade da historiografia significa aceitar as possíveis mudanças de suas práticas e suportes. Acreditamos que respostas a essas perguntas só poderão ser tentadas e discutidas à luz de um princípio, este sim imutável: a historicidade da história como disciplina. Cabe reconhecer esses acontecimentos como fatos inegáveis, com os quais a história terá que lidar desde já – o que significa que estará lidando

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

com fenômenos históricos (MURGUIA; RIBEIRO, 2001 p.186, 187).

O Portal do Professor poderá ser utilizado por estes professores buscando métodos e ferramentas que auxiliem no despertar da curiosidade de seus alunos. Podem procurar diretamente por um recurso utilizando o item “Recursos Adicionais”, pesquisando vídeos, imagens, arquivos de áudio que possam complementar o tema a ser abordado em sala de aula.

No item “Espaço da Aula” é possível encontrar sugestões de aulas, contendo o tema que deseja abordar. Não é necessário que o professor utilize exatamente todos os componentes encontrados nesta aula. O professor pode usar tais informações como ponto de partida para a produção de uma aula diferente, fazendo uma aula sobre o mesmo assunto, com o mesmo recurso, mas com metodologia diferente. Depois, pode disponibilizar essa mesma aula para que outros professores acessem. Esta possibilidade de compartilhamento, aliada à troca de experiências que pode ser feita com outros docentes em outras áreas do portal é extremamente importante para a efetivação de uma construção coletiva do conhecimento.

Todos estes recursos auxiliam o professor a, gradualmente, desenvolver sua fluência digital. É claro que a enorme gama de possibilidades trazida pelo uso das tecnologias digitais não se resume apenas ao Portal do Professor. Este pode ser um primeiro passo rumo à exploração de novas ferramentas, ou mais uma ferramenta aliada na imensidade da internet. Afinal,

[...] o computador pode ser utilizado de forma “muito criativa, através de pesquisas em sites via internet, como visitas em museus, consulta a arquivos históricos, propiciando momentos jamais alcançados anteriormente tornando a disciplina de história dinâmica e atrativa (FRANÇA; SIMON, 2008, p.8).

Aos poucos, a navegação e a escolha de conteúdos se torna mais fácil e intuitiva. Também é natural que, ao longo do tempo de navegação na internet, um pequeno arcabouço de *sites*, *blogs*, *softwares* e outras ferramentas vá se formando, o que certamente será de grande valor durante a escolha de objetos multimídia que poderão ser utilizados em sala de aula. Para compreender melhor a variedade de recursos digitais oferecidos pelo Portal do Professor, realizamos uma análise investigativa das seis grandes áreas que o compõem, conforme demonstrado adiante.

5. Descrição do Portal do Professor e o ensino de História

A partir da busca por referenciais teóricos que elucidassem os temas previamente abordados, iniciamos nosso processo investigativo com uma exploração das áreas do Portal do Professor, buscando compreender de que modo este buscava apresentar-se e dialogar com os educadores. Deste modo, demos início ao mapeamento do Portal do Professor, numa análise mais detalhada de cada uma das seis áreas que o constituem, conforme a Figura 1.

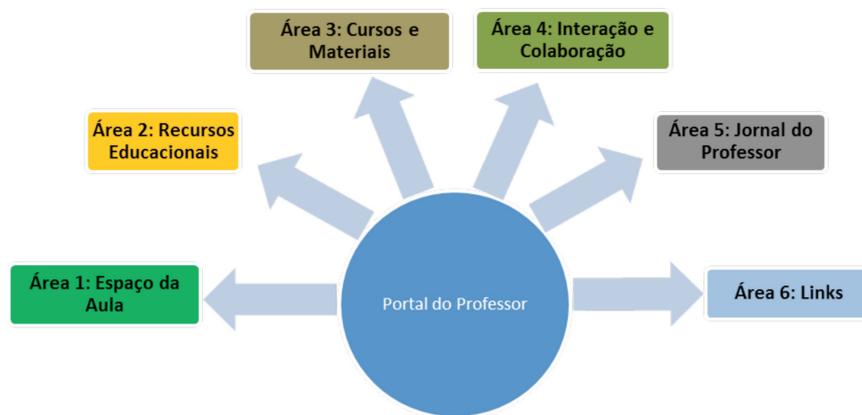


Figura 1 – Mapeamento do Portal do Professor. Fonte: Elaborado por Ponce Quaresma.

A área 1, denominada Espaço da Aula, permite ao professor a utilização de uma ferramenta de edição onde é possível construir individual ou coletivamente um ou mais roteiros para uma determinada aula a partir dos objetos educacionais disponibilizados no próprio portal, ou de quaisquer outras fontes (BIELSCHOWSKY; PRATA, 2010). Nesta área também é possível encontrar roteiros de aulas feitos por outros professores para utilização integral, ou que inspirem a criação de novos roteiros. A área 2, denominada Recursos Educacionais, possui uma área onde é possível filtrar os recursos multimidiáticos disponíveis no Portal, sendo que estes filtros constituem-se em:

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Tipo de filtro	Exemplos
Nível de ensino ou Modalidades	Educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino profissional ou modalidades, como educação de jovens e adultos e educação escolar indígena.
Componente curricular	Física, química, matemática, língua portuguesa, biologia, artes, filosofia etc.
Subcomponente Curricular	No caso de física, por exemplo, é possível optar por mecânica, ótica, ondas, termodinâmica etc.
Classe de objetos educacionais	Vídeos, simuladores, áudios, imagens ou experimentos práticos.

Quadro 3 - Filtros para pesquisa de recursos no Portal do Professor. Fonte: Bielschowsky, Prata, 2010.

A área 3, Cursos e Materiais, possui *links* com informações de cursos ofertados pelo MEC e materiais de estudo diversos. Na área 4, Interação e Colaboração, é composta por *chat* e fórum, em que é possível debater através de tópicos de discussão previamente criados. Nesta área também há sugestões de outras ferramentas disponíveis para comunicação dos educadores ou utilização com os alunos.

Na área 5 o professor pode acessar um jornal de edição quinzenal, com notícias diversas na área da educação. Finalmente, na área 6, é possível acessar uma coleção de *links* variados, organizados por temáticas de interesse dos professores.

Áreas como o “Espaço da Aula”, ou “Interação e Colaboração” explicitam que, mais do que disponibilizar conteúdo de qualidade, o Portal busca incentivar o professor a refletir sobre o uso deste material, comunicar-se, trocar ideias e construir significados junto à comunidade docente. Segundo Figueira (2010), embora o Portal busque ser um espaço amplamente utilizado pelo maior número de professores possível, não pretende ser o único a existir, mas pode constituir-se uma porta de entrada a facilitar a iniciação de alguns educadores na descoberta da internet, ou mesmo um ponto de encontro onde é possível ter acesso a ferramentas de qualidade.

Além dessa caracterização, também foi feita uma busca e análise dos recursos digitais específicos para o ensino de História. Constatou-se a existência de 275 recursos multimídia, dividindo-se em 81 recursos voltados para o Ensino Fundamental II, dos quais 60 arquivos de vídeo, 9 arquivos de áudio, 4 animações/simulações e 8 hipertextos; e 194 recursos para Ensino Médio, sendo 150 arquivos de vídeo e 44 arquivos de áudio. Além disso, foram encontradas 140

sugestões de aulas, criadas e compartilhadas por professores, além de uma edição do *Jornal do Professor* especificamente voltada para o ensino de História.

Observou-se que, embora haja uma grande quantidade de materiais a serem explorados pelos professores no Portal, há diferença significativa na quantidade de conteúdo disponível para a área de História e para outras áreas. Um exemplo pode ser encontrado quando, ao buscar arquivos multimídia disponíveis para Ensino Médio, foram encontrados 194 arquivos para a área de História, 258 arquivos para a área de Português, 620 para Biologia e 994 para Física.

Também foi realizado um levantamento das teses e dissertações feitas no período do ano de 2006 a 2011 envolvendo as temáticas aqui investigadas. Este levantamento foi feito junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.⁷

Dentre os títulos e assuntos pesquisados foram encontradas 8 teses de doutorado e 61 dissertações de mestrado, 8 trabalhos encontravam-se indisponíveis para acesso, o que impediu uma análise mais detalhada dos mesmos, totalizando 77 resultados retornados. O reduzido número de teses de doutorado ressalta a importância de aprofundamento nas pesquisas envolvendo as temáticas de educação e tecnologias digitais.

Dentre os trabalhos encontrados, chama a atenção a dissertação de mestrado de Costa (2008), em que o autor analisa alguns projetos de inclusão digital realizados na Bahia, afirmando a importância da apropriação social das TIC, pois estas têm o poder de transformar usuários em cidadãos ativos, aumentando a capacidade de autodeterminação das pessoas, bem como sua autonomia na busca pelo saber. Para o autor, a inclusão digital é também cultural e cognitiva.

Já Santos (2009), em dissertação mestrado investigando os usos da TIC em salas de aula de escolas estaduais ensino médio em São Luis do Maranhão, enfatiza a apropriação docente das tecnologias em práticas de uso individuais, numa tentativa de responder tanto aos anseios teóricos e filosóficos quanto às pressões políticas para a inserção destas novas ferramentas, ressaltando a grande diversidade de olhares e usos que se envolvem na prática, diversidade essa também notada em nosso trabalho.

Rocha (2009), em dissertação sobre as percepções e representações sociais que alunos concluintes do ensino médio em escolas

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

7. Recurso do portal do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, o IBICT, vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia, disponível em <<http://bdtd.ibict.br/>>.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

públicas tem feito das TIC, concluiu que, muito longe de um perfil rebelde/contestador da ordem vigente, os jovens aqui estudados demonstraram um perfil que poderia até mesmo ser categorizado como conservador. Estes jovens preocupam-se com a escola e com seu próprio futuro, e veem as TIC com imensa naturalidade, utilizando-as com bastante frequência. Esta pesquisa também revela a falta de conectividade/uso das TIC no espaço escolar.

Barreto (2010) em sua dissertação sobre a ação de cursos de formação continuada do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), na cidade de Campinas, aponta que a informática dentro da escola ainda está por encontrar seu espaço, sendo ainda um ponto de conflito entre os vários sujeitos envolvidos no contexto escolar.

Já Tonus (2007) trata a respeito da nova formação necessária na área de rádio jornalismo e demonstra a crescente importância em desenvolver habilidades para lidar com as TIC, afirmando a necessidade de um processo de aprendizagem que favoreça o desenvolvimento destas habilidades.

A leitura destes trabalhos contribuiu para amadurecimento e aprofundamento dos temas aqui tratados, além de terem ajudado em nosso trabalho de revisão dos estudos anteriores sobre a temática em questão.

A leitura destes, e de outros estudos selecionados em nossa pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações foi fundamental, especialmente para compreender que a sensação de “incompletude”, e necessidade de ampliação dos estudos que versam sobre as TIC e educação, não são exclusivas deste nosso trabalho. Além disso, a leitura dos resultados e conclusões a que chegaram estes pesquisadores nos ajudou a delimitar melhor nossa pesquisa, traçando caminhos mais suaves, ou mesmo realçando pontos relevantes que haviam sido abordados apenas de maneira superficial no projeto de pesquisa, uma vez que o ponto de vista de outros colegas tem, muitas vezes, o mesmo efeito de uma revisão de literatura, em que é possível colocar nosso trabalho em um diálogo com outras construções com o mesmo objetivo.

É necessário, antes de buscar alternativas e possíveis usos das TIC, que se conheça atentamente a realidade de nossas escolas e educadores com relação ao uso das tecnologias digitais. Iniciativas próprias mesclam-se às expectativas dos nativos digitais e iniciativas governamentais de implantação das TIC, gerando uma grande disparidade de realidades em cada cidade, bairro, escola e sala de aula.

Deste modo, conhecer pesquisas em outros contextos é importante para que, ao observar o caminho trilhado por outros, foi possível escolher o melhor trajeto para nossa própria caminhada.

Nesse sentido, buscamos compreender melhor a realidade vivenciada pelos educadores de nossa comunidade, que tem em sua rede estadual de escolas a principal coluna do ensino de crianças, adolescentes e jovens. Gil (1991) afirma que, a pesquisa descritiva visa ressaltar as características de determinada população. Portanto, buscamos embasar os procedimentos técnicos de nossa pesquisa na busca de informações diretamente com o grupo de interesse a respeito dos dados necessários. Assim, com o objetivo de esclarecer os questionamentos que desde o início permearam a presente pesquisa, iniciamos os trabalhos preparatórios para a aplicação de um questionário (Apêndice B) junto aos professores de História da rede estadual de ensino no município de Bauru.

Fizemos o levantamento das escolas estaduais deste município junto à Diretoria de Ensino regional, que revelou a existência de 49 escolas estaduais. Das 49 escolas iniciais, 16 foram eliminadas por atenderem exclusivamente ao Ensino Fundamental I (1ª a 4ª séries). Classificamos as 33 escolas restantes através da soma do IDESP 2009 de Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Desta lista foram retiradas as 12 escolas com mais alto IDESP, e 12 escolas com mais baixo IDESP, eliminando as 9 escolas restantes, adequando a quantidade de escolas ao reduzido tempo para pesquisa em campo.

O questionário contendo 33 questões alternativas foi submetido à avaliação de dois especialistas da área de educação e tecnologias, que sugeriram a inclusão de questões abertas em que fosse possível ao professor contar um pouco mais sobre a realidade de sua relação com as TIC. Foram então inclusas três questões dissertativas ao questionário, sendo:

- Considerando sua experiência pessoal, você acha que a tecnologia ajuda ou atrapalha na realização das suas atividades docentes? Por quê?
- Como você imagina que seria a situação ideal na qual você pudesse trabalhar com mídias digitais nas suas aulas?
- O que precisaria ser feito para que essa situação imaginada se tornasse realidade na sua escola?

Além disso, foi mantido o espaço previamente destinado a comentários gerais.

Das 24 escolas, a aplicação do questionário foi feita em 17 unidades (aproximadamente 70% da amostra). Nas escolas onde a

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

aplicação não foi possível, os principais motivos foram a ausência de professores de História (em processo de atribuição), a falta de tempo/espaço disponível para a aplicação do questionário atribuída ao calendário acadêmico, e em alguns casos, a simples recusa dos educadores em participar da pesquisa, onde o principal motivo alegado era a falta de tempo e o fato de se encontrarem sobrecarregados com o trabalho docente.

Nas escolas participantes houve, de modo geral, boa receptividade ao trabalho de pesquisa e à aplicação dos questionários, tanto por parte dos dirigentes e coordenadores como pelos professores. Ao total foram 19 questionários respondidos, sendo 15 respondidos integralmente e 4 parcialmente respondidos, pois as questões dissertativas foram deixadas em branco, sendo o principal motivo alegado a falta de tempo para responder a estas questões. Quanto ao perfil dos respondentes, 89,47% dos professores lecionavam na rede estadual de ensino há mais de 10 anos, 73,68% eram mulheres sendo que 94% ensinavam a disciplina de História nos níveis de ensino fundamental e ensino médio. O nível de formação mais assinalado foi o de graduação (47,37%), sendo que 31,58% possuíam especialização, 10,53% possuíam mestrado, e 10,53% tinham sua graduação em andamento.

Quanto ao nível de acesso, 94,74% possuem computador em casa enquanto 89,47% possuem banda larga, mostrando um elevado índice de inclusão digital entre estes educadores, sendo que cerca de 90% indicaram que seu principal local de acesso ao computador/internet era em casa. São números importantes, já que a disponibilidade de acesso é o primeiro item necessário para que os educadores possam desenvolver uma maior proximidade com as ferramentas digitais e a internet, em casa, durante seu tempo livre. Não sugerimos com isso que o professor trabalhe também em seu tempo livre, mas do mesmo modo que grande parte dos alunos tem expandido suas atividades de lazer e seus contatos sociais dentro da internet, o professor poderá também buscar uma maior proximidade com o mundo virtual. A questão 22 pedia que os professores assinalassem os serviços e/ou ferramentas que utilizavam quando navegavam na internet. O quadro abaixo mostra a lista de serviços que poderia ser assinalada, e a porcentagem total dos respondentes que sinalizou positivamente o uso destas ferramentas.

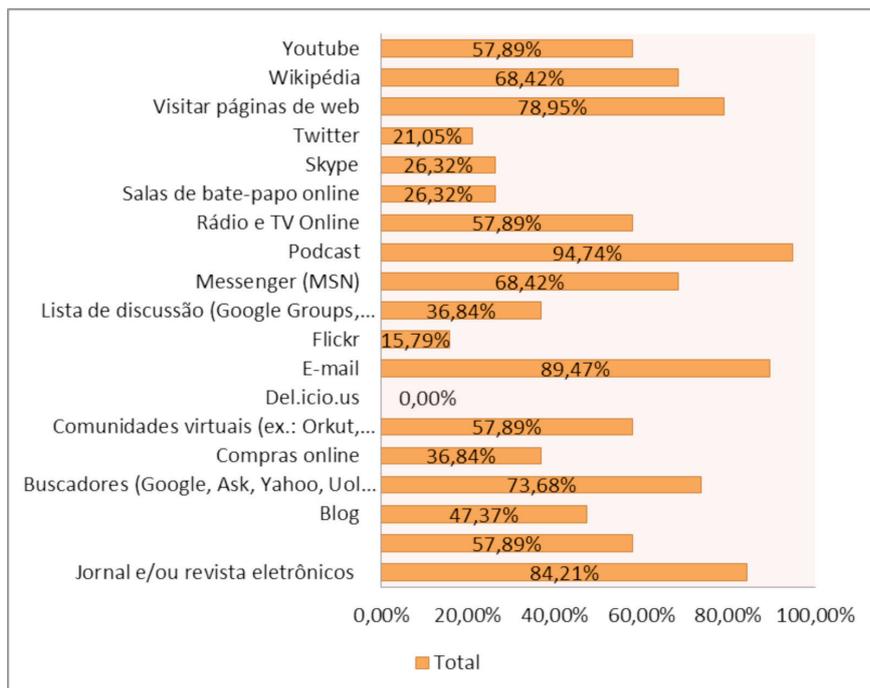


Figura 2 – Quadro de porcentagens da questão 22.

O grande destaque da questão 22 foi o uso de *podcasts* pela quase totalidade de professores respondentes. *Podcast* é o termo usado para definir uma das formas de publicação de arquivos de áudio criados e disponibilizados por uma multiplicidade de usuários da *Web*, cujo formato é bastante parecido com um programa de rádio. Normalmente versam sobre um tema específico, e constituem um excelente exemplo de ferramenta que tem demonstrado bons resultados em sua utilização para fins pedagógicos (SEABRA, 2010). Logo após o *podcast* temos o uso do e-mail, indicado por quase 90% dos professores. A comunicação por *e-mail* já tem presença marcante no ambiente escolar, e além de auxiliar a troca de informações entre professores e alunos também pode ser utilizado em projetos educativos, como, por exemplo, no intercâmbio entre escolas para ajudar os alunos a compreenderem melhor como vivem pessoas de outra cidade ou país (SEABRA, 2010). A maioria dos professores também indicou a navegação por páginas da *web*, a utilização de buscadores e a leitura de jornais e revistas eletrônicos. Outros serviços e ferramentas como o *Youtube*, *messengers*, *blogs* e comunidades virtuais tiveram seu uso assinalado por cerca de 50% dos professores, sendo que ferramentas menos populares como o *Flickr* e o *Twitter* foram pouco assinaladas. Houve baixa porcentagem de professores

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEI-TOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

que indicaram a participação em listas de discussão e fóruns, essas ferramentas são importantes instrumentos de aprendizagem coletiva, podendo ser utilizados tanto na ampliação da fluência digital dos educadores, quanto como ferramentas de apoio no aprofundamento de debates iniciados em sala de aula (MORAN, 2007). A questão 23 buscava medir a frequência com que os professores acessavam a internet, conforme podemos analisar no gráfico abaixo:

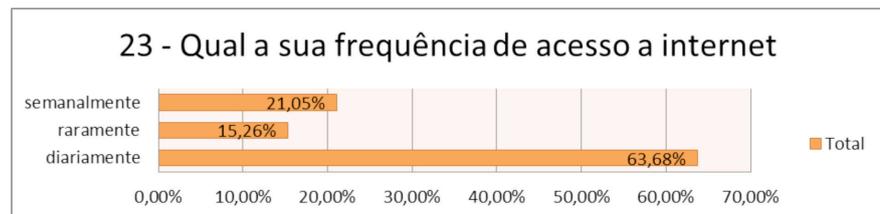


Figura 3 – Quadro de porcentagens da questão 23.

Embora a porcentagem de professores que acessa a internet diariamente seja relativamente alta, se somarmos aqueles que têm seu acesso semanal ou raramente, temos 36,31%.

Podemos observar as respostas dadas pelos professores quando indagados sobre a frequência com que utilizavam o laboratório de informática em suas aulas, no gráfico abaixo:

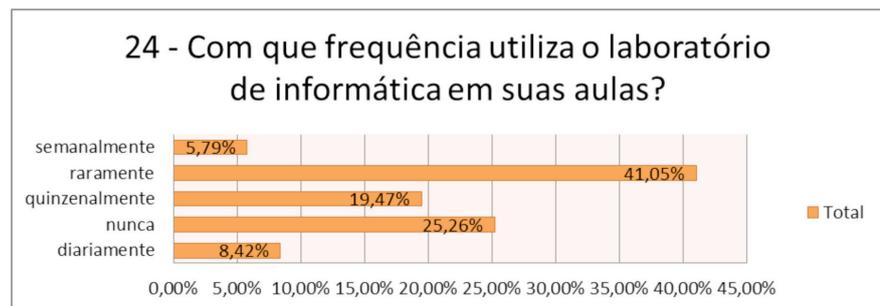


Figura 4 – Quadro de porcentagens da questão 24. Fonte: Ponce Quaresma.

Aqui, se somarmos a porcentagem de professores que declararam utilizar o laboratório de informática em suas aulas raramente ou nunca, teremos um total de 66,31% dos respondentes, índice corroborado na análise das questões dissertativas, conforme veremos mais adiante. Esta baixa porcentagem no uso dos laboratórios dificulta o cumprimento das propostas contidas nos Padrões de Competência em TIC para professores, tornando mais difícil a tarefa de

proporcionar aos alunos oportunidades de aprendizagem com apoio da tecnologia. Conforme vimos, um dos objetivos do Portal do Professor é “oferecer recursos multimídia em diferentes formatos, assim como materiais de estudo, dicas pedagógicas, links para outros portais, ferramentas de autoria, dentre outros” (BIELSCHOWSKY; PRATA, 2010, p.4-5), a fim de que o professor possa explorá-los com seus alunos nos laboratórios de informática.

As questões 7 a 20 buscavam medir o nível de fluência digital dos professores, conforme descrito por Bastos (2010) no quadro 4. Para isso, as questões de 7 à 10 indagavam sobre o uso de recursos digitais cuja resposta positiva (sou capaz de redigir um relatório de trabalho usando um processador de texto, sou capaz de utilizar *software* educativo, dentre outras) indicava a fluência digital em seu nível básico, enquanto as questões 11 à 16 indagavam sobre o uso de recursos que indicaria uma fluência digital de nível médio e as questões 17 à 20, um alto nível de fluência digital. Deste modo, através da análise das respostas obtidas, foi possível obter uma média do percentual total de respondentes que se encaixavam nestes níveis de fluência (básico, médio e alto), sendo que os níveis foram avaliados individualmente através da resposta positiva sobre a capacidade de utilização dos recursos que indicaria sua classificação dentro destes níveis não excludentes.

Nível de fluência digital	% de respondentes que se enquadram
Básico	90,79%
Médio	68,42%
Alto	64,47%

Quadro 4 - Análise do nível de fluência digital.

Como podemos observar, a quase totalidade dos professores indicaram possuir um nível de fluência básico, sendo que as porcentagens que indicam um nível médio e alto são quase equivalentes. O que mais chama a atenção aqui é que cerca de 30% dos respondentes não se enquadraram no nível médio de fluência, um percentual relativamente alto se considerarmos que este nível enquadra a criação de apresentações (como no *PowerPoint*, por exemplo) e a instalação simples de *softwares*.

As questões de 25 a 33 se relacionavam ao conhecimento e uso do Portal do Professor. Observemos os gráficos correspondentes a estas questões:

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

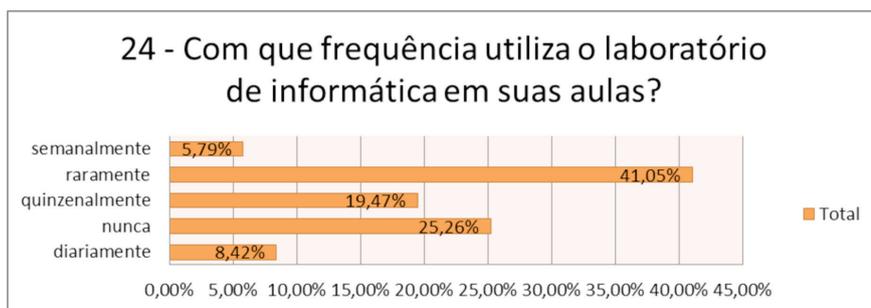


Figura 5 – Quadro de porcentagens da questão 25.

Quando indagados sobre a utilização do Portal do Professor, mais de 60% indicaram utilizar o Portal para planejamento das aulas, ou seja, conhecem e já utilizaram ao menos uma vez o Portal. Na questão 26, cerca de 70% dos professores indicaram já terem utilizado sugestões de aula retiradas do Portal do Professor, enquanto na questão 27 apenas pouco mais de 20% já tenha compartilhado sugestões, disponibilizando-as no Portal. Aqui podemos traçar um paralelo com o que os Padrões de Competência em TIC para Professores estabelecem (quadro 6), em que a criação do conhecimento coloca-se como um dos mais elevados estágios de envolvimento na utilização de ferramentas digitais, sendo que o primeiro passo é a alfabetização tecnológica, seguida de um aprofundamento no conhecimento, para só então criar conhecimento, partilhando-o com outras pessoas e contribuindo com a troca de informações em rede (UNESCO, 2008).



Figura 6 – Quadro de porcentagens da questão 26. Fonte: Ponce Quaresma.



Figura 7 – Quadro de porcentagens da questão 27.

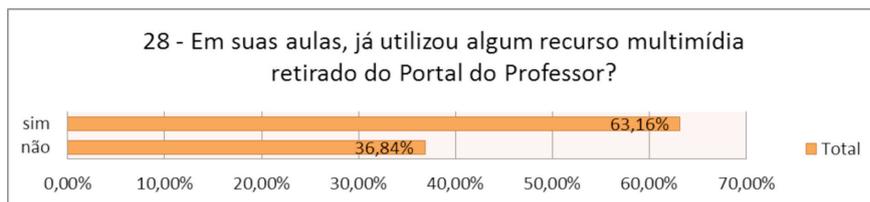


Figura 8 – Quadro de porcentagens da questão 28.

Os dados referentes à questão 28 foram bastante surpreendentes, especialmente quando comparados com as respostas dadas à questão 24, onde quase 70% indicou utilizar o laboratório de informática nas aulas raramente ou nunca. Deste modo, sabendo que as escolas participantes desta pesquisa não contavam com projetores disponíveis nas salas de aula (onde o material multimídia poderia ser utilizado em sala, mas não necessariamente no laboratório de informática), uma explicação alternativa para esta discrepância pode estar relacionada com a utilização de vídeos presentes no Portal, que, transferidos, podem ser gravados em DVD e utilizados em sala de aula, fora dos laboratórios de informática.



Figura 9 – Quadro de porcentagens da questão 29.

A questão 29 está, de algum modo, relacionada à questão 27, já que indica também o compartilhamento de informações/conhecimento em rede, embora aqui, o enfoque seja na partilha de experiências de prática docente. Aqui, a porcentagem de professores que indicou já ter compartilhado experiências de práticas de ensino no Portal mostrou-se um pouco mais elevada do que o compartilhamento de sugestões de aula, cerca de 40%. Para Lévy (1999), o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia as experiências e saberes, de modo a valorizar as contribuições pessoais de cada indivíduo, fundamental na construção de uma inteligência coletiva. A criação desta nova realidade de compartilhamento e aprendizado envolve ações colaborativas que contribuam no enriquecimento de um fazer pedagógico dos quatro pilares da educação descritos por

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Delors (1998), ou seja, de que maneira poderemos ensinar nossos alunos a aprender a conhecer, fazer, ser e viver juntos? A troca de experiências entre educadores que buscam atingir os mesmos objetivos educacionais poderá nos ajudar na aproximação da resposta para essa questão.

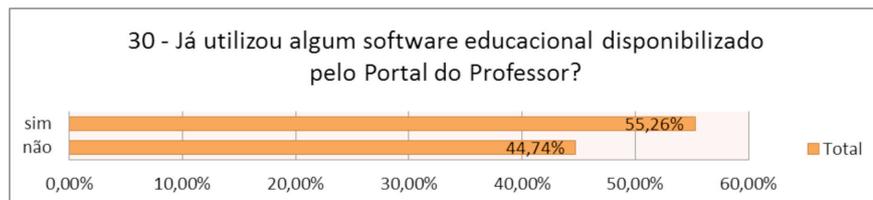


Figura 10 – Quadro de porcentagens da questão 30.

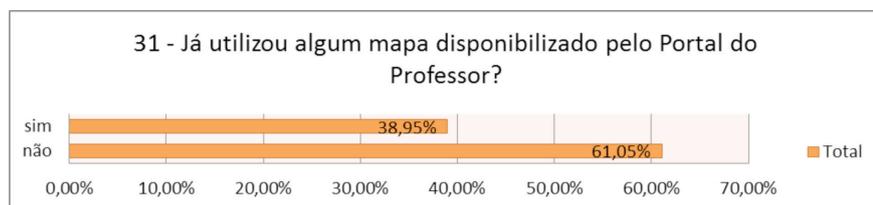


Figura 11 – Quadro de porcentagens da questão 31.



Figura 12 – Quadro de porcentagens da questão 32.

Seguindo as investigações acerca da utilização de ferramentas disponíveis no Portal, cerca de 55% dos professores apontaram já terem utilizado *softwares* educacionais disponibilizados no Portal, um índice elevado considerando que aproximadamente 64% indicaram o uso do Portal em si, sendo que a leitura do campo “Jornal do Professor” foi indicada por apenas 29,47% dos respondentes. Já a utilização de mapas disponibilizados no Portal foi indicada por quase 40% dos professores, sendo uma porcentagem relativamente alta se considerarmos que a utilização de mapas de papel (físicos) ainda é grande, especialmente por conta do baixo número de projetores multimídia disponíveis para uso que foi observada em campo, e pode também ser demonstrada na análise das perguntas abertas.

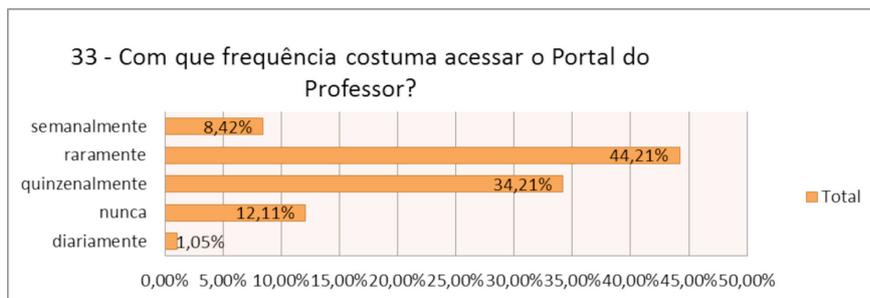


Figura 13 – Quadro de porcentagens da questão 33.

Por fim, a questão 33 indagava sobre a frequência de acesso ao Portal do Professor, fundamental para termos uma pista da frequência de utilização dos recursos aqui citados, sendo que 56,32% dos respondentes indicou acessar o Portal raramente ou nunca. 34,21% apontaram um acesso quinzenal e cerca de 8% indicaram um acesso semanal. Apenas 1% indicou o uso diário. Aqui, se considerarmos que a atualização de informações contidas no Portal, especialmente em áreas específicas (novos recursos multimídia em História, por exemplo) pode ocorrer num intervalo de dias, e se pensarmos também que o planejamento de aulas em qualquer escola é feito em determinados momentos do semestre/bimestre letivo, podemos considerar que um acesso semanal ou quinzenal indicaria um uso bastante razoável dos recursos disponíveis no Portal.

6. Análise e discussão dos dados qualitativos

Utilizamos a técnica de pesquisa qualitativa de análise de conteúdo de acordo com as orientações de Bardin (1977). Efetuamos a categorização das respostas obtidas para as perguntas abertas por meio de classificação das unidades de significação. Assim, buscamos extrair os temas mais frequentemente citados nas respostas obtidas. Para Bardin, “o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p.57). Na questão 34 foi a pergunta feita foi “considerando sua experiência pessoal, você acha que a tecnologia ajuda ou atrapalha na realização de suas atividades docentes? Por quê?”. Deste modo, analisamos as respostas obtidas, lembrando que dos 19 questionários respondidos, em apenas 15 as questões dissertativas foram respondidas. A quase

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEI-TOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

totalidade dos professores respondeu utilizando uma visão positiva acerca das tecnologias, afirmando que estas ajudam o professor em sala de aula, ainda que houvesse algumas ressalvas, como por exemplo, a necessidade de direcionamento, especialmente das pesquisas feitas pelos alunos, como podemos ver no trecho abaixo:

“Ajudam quando são bem direcionadas pelos professores. Existem muitos copiar e colar por parte dos alunos que estão fazendo mau uso” (professor D).

Também foi apontado o uso de ferramentas digitais em sala de aula:

“No meu caso, ajuda muito, gosto de usar nas minhas aulas mapas multimídia e vídeos tirados da internet” (professor Q).

Nesta questão, um tema levantado por alguns professores foi a falta de tempo para estar em sintonia com os avanços tecnológicos, e também a indisponibilidade do laboratório de informática, impossibilitando o uso de ferramentas digitais na escola

“Ajuda muito, pena que não tenho internet em casa e muito menos tempo” (professor M).

“Ajudaria se na escola o laboratório funcionasse. É uma ferramenta que pode contextualizar o mundo à sala de aula” (professor A).

Aqui, podemos lembrar mais uma vez os Padrões de competência em TIC para professores criados pela UNESCO, que dispõem sobre a utilização das TIC na busca por uma educação de qualidade, tanto em escolas amplamente preparadas para o uso das tecnologias digitais quanto em escolas que ainda atravessam um processo de transição das salas de aula tradicionais. Neste sentido, o professor plenamente preparado para o uso inteligente das TIC poderá utilizar-se de ferramentas digitais na preparação e planejamento das aulas, mas também deverá propor atividades didáticas que envolvam o uso destas tecnologias, podendo trabalhar com grupos menores de alunos alternadamente, coordenando várias situações de ensino integrando o uso do laboratório de informática às atividades de ensino em andamento (UNESCO, 2008).

Uma das respostas também apontava uma visão de que as ferramentas digitais são mais um dentre muitos instrumentos que podem ser utilizados pelo professor de História.

A questão 35 versava sobre: como você imagina que seria a situação ideal na qual você pudesse trabalhar com mídias digitais nas suas aulas?

Aqui, o tema mais frequentemente abordado pelos professores foi a necessidade da disponibilidade de um computador por aluno, sendo que muitos professores também sentem a necessidade de um computador com projetor em sala de aula, como podemos ilustrar através de alguns trechos:

“O ideal seria uma sala equipada para uso diário da turma, ou seja, que os alunos convivessem todos os instantes com a tecnologia, e não que fossem raramente a uma sala equipada” (professor E).

“Que todos os alunos possuíssem um notebook ou netbook junto a um roteador” (professor K).

“Cada aluno com o seu computador e professor com os recursos necessários como datashow, projetor, controle, etc” (professor L).

Outro tópico abordado nas respostas a esta questão foi, novamente, a indisponibilidade do laboratório de informática. Aqui, faremos uma ressalva do que pode ser observado pela pesquisadora durante seu trabalho em campo: a maioria dos professores, ao responder a questão 24, que indagava sobre a frequência de uso do laboratório de informática, verbalizou que gostaria de utilizar o laboratório, mas não o utilizava devido aos problemas técnicos ou burocráticos, ou ainda, devido ao baixo número de computadores disponíveis por aluno (em alguns casos, o laboratório dispunha de cerca de 10 computadores, sendo havia cerca de 35 alunos por sala de aula). Neste ponto, um outro tema bastante abordado pelos professores na questão 35 foi a necessidade de turmas menores em sala de aula.

A questão 36 versou sobre: o que precisaria ser feito para que essa situação imaginada se tornasse realidade na sua escola? Aqui, um dos temas mais abordados foi a necessidade de investimentos públicos, a necessidade de valorização do professor e de maior comprometimento político. Neste sentido, Kenski (2007) afirma que as escolas ainda não têm verba suficiente para a manutenção e atualização permanente dos programas e realização de treinamentos para os professores e equipe de apoio, sendo necessárias verbas cada vez maiores para que o verdadeiro potencial criativo trazido pelas tecnologias digitais possa ser devidamente explorado. Neste sentido, podemos observar algumas falas dos professores:

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

“Pagamento digno para que o professor pudesse utilizar mais tempo para pesquisa e desenvolver projetos utilizando estas ferramentas” (professor R).

“Um laboratório que funcionasse, com técnicos que preparassem o espaço para o professor utilizar em sua aula, que funcionasse em rede efetivamente” (professor A).

“Investimento em material físico e humano” (professor E).

“Mais investimentos diretos e sem muita burocracia para aquisição dos equipamentos e capacitação dos professores de acordo com as mudanças tecnológicas” (professor L)

Por fim, havia um espaço destinado aos comentários gerais que os professores poderiam utilizar, que foi preenchido em apenas dois questionários. Uma das respostas pedia uma maior valorização do professor, a outra, transcrevemos abaixo:

“Acho extremamente importante a realização/execução de projetos como este, pois a escola precisa urgentemente dar passos mais largos em direção ao futuro. E as ferramentas tecnológicas e o ensino tecnológico são fundamentais para isso. O futuro já chegou e a escola perdeu a hora de estudar” (professor L).

Foi possível observar que, antes e durante o preenchimento das questões vários pontos importantes foram levantados pelos professores, como a falta de tempo e a falta de valorização que estes sentiam, além de questões referentes ao uso do laboratório de informática, tentando expressar as dificuldades encontradas para a utilização do mesmo. Neste sentido, o não-preenchimento do campo destinado aos comentários gerais torna-se significativo, e denota a falta de tempo para reflexão observada no preenchimento dos questionários. Mesmo quando os dirigentes e coordenadores destinavam um espaço de tempo para que os professores pudessem responder a questionário, era comum o uso de expressões como “hoje o dia está corrido”, ou de falas como “tenho ainda que preencher vários diários de classe hoje”, “hoje já dei X aulas, estou cansado” etc.

Portanto, é muito fácil deixar-se levar pela rotina apressada das muitas aulas e afazeres, o que torna ainda mais difícil encontrar tempo para conhecer, descobrir e avaliar novos recursos digitais que podem tornar a rotina escolar mais dinâmica e atraente, para professores e alunos. Embora nada substitua a exploração curiosa das ferramentas digitais, é importante ter contato com conteúdos didáticos que se aliem à utilização de recursos multimídia, especialmente preparados para o uso em sala de aula. No Portal do Professor, bem

como em outros sites e blogs que buscam dialogar com os educadores preocupados em inserir as TIC em seu fazer docente, é possível encontrar algumas sugestões já preparadas de situações de aprendizagem. Assim, como resultado de nossos trabalhos investigativos, buscamos dar nossa contribuição no incentivo ao uso de ferramentas digitais por professores de História, criando algumas sugestões de atividades didáticas utilizando recursos disponíveis na *web*.

7. Sugestões de atividades didáticas para o ensino de história

Através das pesquisas feitas no Portal do Professor com o objetivo de analisar os recursos disponíveis no *site*, tivemos acesso a diversas ferramentas digitais que podem ser utilizadas em âmbito escolar, dentro e fora do Portal. Assim, sugerimos aqui algumas atividades didáticas que podem ser desenvolvidas por professores de História em sala de aula, utilizando alguns exemplos de ferramentas digitais que podem ser encontradas a partir da exploração das diversas áreas do Portal do Professor. Buscamos desenvolver as sugestões em consonância com os temas propostos nos cadernos do professor e do aluno, fornecidos como orientações para a gestão da aprendizagem em sala de aula pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Tema: Visita virtual ao museu da República-RJ.
Série: 6º ano
Conteúdos curriculares: Proclamação da república do Brasil; República velha.
Expectativas de aprendizagem: O aluno poderá aprender sobre a importância da manutenção do patrimônio histórico, compreender melhor o contexto histórico da proclamação da república e da república velha, conhecer importantes atores históricos deste período e desenvolver/melhorar seu senso estético através da apreciação de obras de arte.
Duração das atividades: Três aulas de 50 minutos.
Objetivos: Trabalhar conceitos históricos sobre o período da Primeira República através de uma visita virtual ao museu da República, no Rio de Janeiro.
Requisitos: Informe a seus alunos que a atividade que irão realizar será uma visita ao Museu da República, no Rio de Janeiro. Para a realização desta atividade você deverá ter abordado em aulas anteriores a proclamação da república no Brasil, trabalhando os conceitos de república, presidencialismo e federação.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

Estratégias e recursos didáticos: Um computador ou *notebook* conectado à internet, um projetor multimídia, uma tela ou parede branca com espaço suficiente para que seja feita a projeção, caixas de som com potência suficiente para que a narração possa ser ouvida pela sala toda. A narração do guia virtual é feita conforme nos “movemos” virtualmente pelas salas e espaços dos museus. É importante que ao final de cada fala do guia o professor faça intervenções esclarecendo o vocabulário utilizado para que os alunos possam compreender plenamente o conteúdo apresentado. A visita ao museu deverá ter uma duração de duas aulas de 50 minutos. Na terceira aula, o professor deverá discutir brevemente com os alunos sobre o que é um museu, qual a sua importância, falando um pouco sobre os museus existentes na cidade que podem ser visitados pessoalmente pelos alunos.

Avaliação: Durante a terceira aula, o professor deverá pedir aos alunos que falem sobre o que aprenderam sobre a proclamação da república durante o bimestre, e de que modo a visita virtual ao museu pode ajudá-los na compreensão e desenvolvimento dos conteúdos, quais salas do museu foram as mais interessantes durante a visita e quais obras de arte chamaram a atenção dos alunos. O professor também pode pedir aos alunos que escrevam relatórios sobre estes mesmos tópicos. A avaliação poderá ser feita por meio de um debate com a sala toda, em que o principal quesito deverá ser a participação e a fala de cada aluno, ou através da análise dos relatórios escritos.

Link: http://www.eravirtual.org/mrepublica_01_br/

Quadro 5 – Sugestão de atividade didática 01. Fonte: Elaborado por Ponce Quaresma.

Tema: Gravação e edição de um <i>podcast</i> sobre o filme “O ano em que meus pais saíram de férias”.
Série: 9º ano
Conteúdos curriculares: Ditadura militar.
Expectativas de aprendizagem: O aluno poderá relacionar os aspectos aprendidos sobre o período da ditadura militar e também poderá desenvolver sua capacidade crítica através da análise e avaliação de uma produção cinematográfica. Além disso, poderá desenvolver suas habilidades comunicacionais através do debate de ideias com seus colegas.
Duração das atividades: Três aulas de 55 minutos.
Objetivos: Trabalhar conceitos históricos sobre o período da ditadura militar no Brasil.
Requisitos: Para a realização desta atividade você deverá ter abordado o populismo (1946-1964), a ruptura da ordem democrática no golpe de 64 e o período da ditadura militar.

Estratégias e recursos didáticos: Um aparelho de TV e de DVD para a exibição do filme, laboratório de informática com um computador para cada três alunos, no máximo, com *software* de edição de áudio instalado. Durante as primeiras duas aulas será feita a exibição do filme “O ano em que meus pais saíram de férias”. Durante a terceira aula serão discutidos brevemente alguns aspectos relativos ao filme, relacionando-o com os eventos previamente estudados sobre o período da ditadura militar. O professor deverá formar equipes que deverão trazer para a próxima aula um *podcast* contendo um debate entre o grupo, relacionando os principais aspectos estudados sobre o período com o filme, analisando criticamente o filme tanto como obra artística quanto com relação ao conteúdo histórico apresentado. O professor poderá levar trechos de outros *podcasts* disponíveis na internet para a sala de aula, mostrando aos alunos como deverá ser trabalhada a estrutura do mesmo. Os alunos poderão gravar o *podcast* utilizando microfones conectados a um computador, aparelhos MP3 ou celulares.

Avaliação: O professor deverá avaliar a estrutura do debate gravado em formato de *podcast*, as ideias e argumentos apresentados pelos alunos, bem como o desenvolvimento de sua criticidade com relação aos conteúdos estudados e ao filme.

Links: <http://www.adorocinema.com/filmes/ano-em-que-meus-pais/>
 Sugestões de softwares para gravação e edição de áudio:
<http://audacity.sourceforge.net/?lang=pt>
<http://www.podcast.sitedaescola.com/>
<http://www.podcast1.com.br/>

Quadro 6 – Sugestão de atividade didática 02. Fonte: Elaborado por Ponce Quaresma.

Tema: Entendendo a revolta dos alfaiates com o jogo Búzios – ecos da liberdade.
Série: 8º ano
Conteúdos curriculares: Influência dos ideais iluministas; Revolta dos alfaiates; Brasil-Colônia.
Expectativas de aprendizagem: O aluno poderá refletir sobre a influência dos ideais revolucionários europeus sobre a elite brasileira, a dinâmica da sociedade brasileira no final do século XVIII, compreendendo melhor as revoltas populares deste período.
Duração das atividades: Três aulas de 50 minutos.
Objetivos: Caracterizar o cenário histórico brasileiro durante o final do século XVIII.
Requisitos: Para a realização desta atividade você deverá ter trabalhado previamente os acontecimentos da Revolução Francesa, da independência dos Estados Unidos da América, bem como a dinâmica colonial Brasil-Portugal no final do século XVIII.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

<p>Estratégias e recursos didáticos: Você deverá conduzir os alunos ao laboratório de informática, que deverá conter um computador por aluno, todos com o jogo “Búzios: ecos da liberdade” instalado. Na impossibilidade de uso do laboratório, caso a maioria dos alunos possuam computador com internet em casa, é possível pedir aos alunos que joguem individualmente ou em grupo, em casa. Depois de finalizado o jogo, uma aula deverá ser reservada para que se discutam quais os acontecimentos históricos narrados pelo jogo, por que e como ocorreram, e quais as impressões dos alunos a respeito. Durante este debate, o professor deverá orientar as análises dos alunos, ressaltando as ligações entre a revolta dos alfaiates e as revoltas previamente estudadas na França e nos Estados Unidos. O professor também deverá guiar os alunos na compreensão da dinâmica da sociedade brasileira do século XVIII, ressaltando aspectos econômicos, políticos e culturais.</p>
<p>Avaliação: Os alunos poderão ser avaliados através da participação no debate feito em sala de aula, ou através da análise de relatórios individuais sobre a experiência de jogo e a compreensão dos acontecimentos históricos sobre a revolta dos alfaiates.</p>
<p>Links: http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/buzios/orientacoes/</p>

Quadro 7 – Sugestão de atividade didática 03. Fonte: Elaborado Ponce Quaresma.

No quadro abaixo, também poderão ser observados exemplos de endereços da internet com sugestões de ferramentas e atividades que poderão ser aproveitadas pelos professores de História na criação de situações de aprendizagem significativas com o uso das TIC:

Tipo de recurso	Link
Rede social de História	http://cafehistoria.ning.com/
Rede social de História	http://historica.me/
Jogo educativo	http://extras.ig.com.br/infograficos/jogoindendencia/
Jogo educativo	http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/triade/
Jogo educativo	http://www.fas.org/babylon/
Blog sobre história	http://www.historiadigital.org
Blog sobre história	http://historiaeprojetos.blogspot.com/
Blog sobre história	http://saibahistoria.blogspot.com/
Ferramenta de escrita colaborativa	https://writer.zoho.com/

Ferramenta para montagem de apresentações	http://prezi.com/
Ferramenta para a criação de mapas conceituais	http://www.mindomo.com/

Quadro 8 – Exemplos de recursos digitais para o ensino de História.
Fonte: Elaborado Ponce Quaresma.

Considerações finais

Na primeira fase de desenvolvimento de nossa pesquisa, buscamos compreender melhor o surgimento e a emergência das ferramentas digitais, seu uso pelos chamados nativos digitais e de que maneira a escola e o professor de História deveriam apropriar-se de tais recursos, utilizando-os como ferramentas em seu desenvolvimento profissional e também dentro das salas de aula, no ensino da disciplina.

Na busca de referenciais teóricos ou durante a aplicação dos questionários, observando as condições reais em que escola, professores e alunos têm desenvolvido sua convivência, muitas dúvidas surgiram, mas uma certeza se impôs de maneira evidente: a diversidade. Diversidade da realidade enfrentada pelas escolas, nos olhares que os educadores mostram com relação ao uso de ferramentas digitais, no uso que já tem sido feito destas mesmas ferramentas. Assim, ampliou-se nossa convicção sobre a necessidade de estudos sobre o uso das TIC dentro de cada comunidade, analisando cada realidade e tendo-a como única. É preciso dar voz às escolas para que estas possam definir quais os maiores problemas enfrentados no incentivo à utilização das TIC e o que precisa ser feito para que este uso ocorra de maneira a melhorar o ensino de História, contribuindo de maneira eficaz na construção de um diálogo entre professores e alunos.

Os resultados obtidos através da aplicação de questionários junto aos professores de História da rede estadual de Bauru mostraram que a maioria dos educadores vê as tecnologias digitais como importantes aliadas no diálogo com os alunos, porém, ao mesmo tempo, ficou claro que poucos professores têm, de fato, utilizado recursos multimídia em sala de aula, ou através do uso do laboratório de informática. Embora a maioria dos educadores tenha declarado conhecer e utilizar recursos do Portal do Professor, não há dúvidas de que a utilização de ferramentas digitais no ensino de História fica bastante comprometida com a falta de uso dos laboratórios de informática. Muitos professores alegaram que o principal motivo de pou-

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

ca utilização dos laboratórios é a falta de computadores disponíveis quando comparados ao número de alunos em sala de aula. Quando perguntados sobre quais seriam as condições ideais para que pudessem trabalhar utilizando as TIC em sala de aula, a maioria pediu maior valorização do professor e maiores investimentos em material físico e em treinamento docente.

Nossa experiência em campo mostrou que, embora gostem e estejam familiarizados com a internet e outras ferramentas, muitas vezes a rotina diária, a falta de tempo e incentivo fazem com que os professores passem a ver ferramentas digitais e ambiente escolar numa dualidade quase oposta. O mundo virtual parece não caber na rotina da sala de aula, e romper com essa realidade pode exigir um esforço grande por parte dos educadores.

Neste sentido, continuamos a afirmar a importância da criação de ferramentas como o Portal do Professor, que se mostrou relevante não apenas por conta dos recursos que abriga, mas principalmente por ter como um de seus pilares centrais a interatividade e o compartilhamento de práticas docentes entre professores. Ao elaborar e compartilhar uma sugestão de aula no Portal do Professor, mais do que apenas contribuir com o repositório de aulas disponíveis, o professor passa a ser protagonista de seu desenvolvimento profissional, assumindo o comando no planejamento das atividades em sala, o que certamente contribui para a construção de um diálogo significativo com os alunos.

Entendemos que estes estudos são de extrema importância para que possamos compreender melhor o ambiente em que jovens e crianças tem recebido uma parte importante de sua formação e, assim, construirmos um ambiente escolar melhor e mais integrado com as expectativas da sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José de; FONSECA Jr., Fernando Moraes. **Proinfo**: projetos e ambientes inovadores/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

ALVES, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 81, p. 53-60, maio 1992.

ANÁLISE dos resultados da TIC domicílios 2009. **CETIC**, 2010. Disponível em: <www.cetic.br/usuarios/tic/2009/analise-tic-domicilios2009.pdf>.

ASSMAN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. A formação docente na sociedade da informação e do conhecimento. **Palestra**. Faculdade de Agudos, outubro de 2009.

BARROS, Daniela Melaré Vieira; BRIGHENTI; Maria José Lourenção. Tecnologias da Informação e Comunicação & Formação de professores: Tecendo algumas redes de conexão. In: RIVERO, Cléia Maria L.; GALLO, Sílvio. **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru: Edusc, 2004. 233 p.

BASTOS, Maria Inês. A Formação em “TIC na educação” de docentes na América Latina. **Palestra**. Conferência Internacional: O impacto das TIC na educação. Brasília, abril de 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, Patrícia. **Professor e o uso da informática em escolas públicas: o exemplo de Campinas**. 2010. 139f. Dissertação (mestrado em educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2010.

BELLONI, Maria Luiza. Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna? **Educação & Sociedade**, Campinas, v.19, n. 65, p. 143-162, dez. 1998.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. A aprendizagem ao longo da vida: Um desafio para a educação na sociedade do conhecimento. In: **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. RIVERO, Cléia Maria L.; GALLO, Sílvio. Bauru: Edusc, 2004. 233 p.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

BELMIRO, Ângela. Fala, escrita e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 144 p.

BESSA, Vagner de Carvalho; NERY, Marcelo Batista; TERCI, Daniela Cristina. Sociedade do Conhecimento. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n.3-4, p. 3-16, jun./dez. 2003.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo; PRATA, Carmen Lúcia. Portal Educacional do Professor do Brasil. **Revista de Educación**, 352. maio/ago. 2010, pp. 1-14.

BLIKSTEIN, Paulo. **Especialista faz ressalvas ao uso de tablets em escolas** [jul. 2011]. Entrevistador: Folha de São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/saber/949425-especialista-faz-ressalvas-ao-uso-de-tablets-em-escolas.shtml>>.

BORGES, Vany Pacheco. **O que é História**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação e Cultura, Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617p.

CARR, Nicholas. Is Google Making Us Stupid? **Atlantic Magazine**, Washington, jul./ago. 2008. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2008/07/is-google-making-us-stupid/6868/>>.

COM 20% de domicílios online, acesso em casa passa lanhouses. **Folha Online**, 2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fo-lha/informática/ult124u716980.shtml>.

CORRÊA, Juliane. Novas tecnologias da Informação e da comunicação; novas estratégias de ensino/aprendizagem. . In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 144 p.

COSTA, Leonardo Figueiredo. **Comunicação, Novas Tecnologias e Inclusão Digital: uma análise dos projetos realizados na Bahia**. 2007. 196f. Dissertação (comunicação e cultura contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2007.

CRUZ, José Marcos de Oliveira. Processo de ensino-aprendizagem na sociedade da informação. **Educ. Soc.**, Campinas, v.29, n.105, p. 1023-1042, set./dez. 2008.

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez Editora, 1998. 281 p.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 386p.

ESCONTRELA MAO, Ramón; STOJANOVIC, Lily. Bases para organizar una línea de investigación sobre la inserción de las TIC en la Educación Básica Venezolana. **Revista de Pedagogia**, Caracas, v.27, n. 80, p.443-466, out. 2006.

FIGUEIRA, Mara. Ponte entre a tecnologia e a sala de aula. **Revista TV Escola – Recnologias na Educação**. Curitiba, n.1, mar./abril 2010. Seção Mundo Virtual. Disponível em < http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/revista/tecnologias_na_educacao/tvescola_180210_final.pdf>.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 6ed. Campinas: Papyrus, 2003. 255p.

FRANÇA, Cyntia Simioni; SIMON, Cristiano Biazzo. Como conciliar ensino de História e novas tecnologias? In: Seminário de Pes-

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

quisa em Ciências Humanas, 7, 2008, Londrina. **Anais...** Londrina: Eduel, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.03-11, abr./jun. 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOHN, Daniel. Tecnofobia na música e na educação: origens e justificativas. **Opus**, Goiânia, v.13, n. 2, p.161-174, dez. 2007.

GUIMARÃES, Gustavo Pires. **Estado do conhecimento sobre formação de professores (2003-2004)**: A educação a distância e o uso de TIC democratizam o saber? 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2007.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n.2, p. 201-210, maio-ago. 2006.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, Out. 2008.

_____. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007. 141 p. (Coleção Papirus Educação).

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999. 264 p. (Coleção Trans).

_____. **Ciberdemocracia**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2002. 249 p. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

MAIA, Marta de Campos **Aplicação, capacitação e disseminação do uso das novas TICs nos cursos presenciais**. Palestra. TecEducation, maio de 2008.

MANTOVANI, Osmar; DIAS, Maria Helena Pereira; LIESENBERG, Hans. Conteúdos abertos e compartilhados: novas perspectivas para a educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, 257-276, abr. 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011. 266p.

MÁTTAR NETO, João Augusto. **Metodologia científica na era da informática**. São Paulo: Saraiva, 2002. 262 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2007. 174 p. (Coleção Pirus Educação).

MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. Memória, História e Novas Tecnologias. **Impulso**, Piracicaba, v.12, n.28, p. 175-183, 2001.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; KRAMER, Sonia. Contemporaneidade, educação e tecnologia. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n.100, p. 1037-1057, out. 2007.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. 176 p.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.

O QUE É O IDESP. **Programa de Qualidade da Escola**, 2011. Disponível em <http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp>. Acesso em: 12 fev. 2014.

PRENSKY, Marc. **Don't Bother me, Mom, I'm Learning!:** How computer and video games are preparing your kids for 21st century success and how you can help! St. Paul – Minnesota: Paragon House, 2006.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio de Costa. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 19-30, jan./abr. 2006.

PUNTES, Johnny Alarcón; GAVÍDIA, J.L. Mozart. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. História e historiografia: construção de novas tendências teóricas. In: PÔRTO JUNIOR, Gilson (Org.). **História do tempo presente**. Bauru: Edusc, 2007. 360p.

RESNICK, Mitchel. **Rethinking learning in the digital age**. The Media Laboratory.

Massachusetts Institute of Technology. 2007. Disponível em:<<http://www.media.mit.edu/~mres/papers/wef.pdf>>.

ROCHA, Adauto Galvão. **Representações sociais sobre novas tecnologias da informação e da comunicação: novos alunos, outros olhares**. 2009. 314f. Dissertação (mestrado em educação) – Programa em Educação, Universidade Católica de Santos, Santos, 2009.

SANTOS, Maria José. **Usos pedagógicos das NTIC em sala de aula entre maneiras de fazer e táticas: a ressignificação do trabalho docente**. 2009. 180f. Dissertação (mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: História**. São Paulo: SEE, 2008.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe Maria (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 54-66.

SEABRA, Carlos. **Tecnologias na escola**. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. 23p. Cartilha.

SELWYN, Neil. O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. **Educação & Sociedade**, Campinas, v 29, n. 104, p. 815-850, out. 2008.

SILVA, Humberto Pereira da. A cruzada de Neil Postman. **Trópico**, 2003. Disponível em <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1624,1.shl>>.

TAKAHASHI, Tadao (org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 231 p.

TONUS, Mirna. **Interações digitais : uma proposta de ensino de radiojornalismo por meio das TIC**. 2007. 246f. Tese (doutor em multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

UNESCO. **Padrões de competência em TIC para professores**: Marco Político. Paris: UNESCO, 2008.13p.

QUARESMA, Thatianne Ponce; NAKASHIMA, Rosária Helena Ruiz; FELTOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. *Recursos digitais do portal do professor no ensino de História*. Mimesis, Bauru, v. 36, n. 1, p. 57-102, 2015.